

# Um novo modelo de escola

25 FEV 1992

Roberto Valadão

PF7

CORREIO BRAZILIENSE

A crise brasileira é uma consequência do descaso e abandono em que vive a Educação, nos últimos 20 anos. Nos centros urbanos os professores desmotivados pelas baixas remunerações mudam de profissão ou permanecem no magistério, mas sem condições para se aperfeiçoar.

O sistema de ensino não acompanha a evolução tecnológica. São raríssimas as escolas que mantêm terminais de vídeo para que os alunos tenham contato desde cedo com a informática. São pouquíssimas as que têm bibliotecas organizadas.

Para ingressar no Primeiro Mundo, o Brasil não tem apenas de abrir a sua economia ou expor o seu parque industrial à competição internacional. Terá de garantir às indústrias um nível mínimo de escolaridade e conhecimentos aos novos trabalhadores que ingressarem no mercado, porque do contrário eles não terão condições de operar os novos equipamentos em uso no mundo inteiro, que só podem ser manipulados por operários cada vez mais especializados. Estamos no final da era em que a mão-de-obra podia ser desqualificada. E mal paga.

Se olharmos para o ensino ministrado no interior do País, veremos uma situação ainda mais dramática. Lá, as crianças não são educadas para conviver com a sua cultura, mas treinadas para migrar para os grandes centros. A educação nada tem a ver com o meio rural.

E comum o abandono da escola à época das colheitas, o que nos leva à conclusão óbvia de que as férias escolares nas regiões agrícolas não têm que obedecer as determinações

emanadas de Brasília, mas atender às necessidades econômicas da região. Brasília é, aliás, um exemplo típico: nos meses de julho e agosto, quando a seca atinge pontos insuportáveis, as escolas continuam funcionando. Em janeiro/fevereiro, quando chove e a temperatura é agradável, a criança da classe média debanda para as praias.

O desenvolvimento do Brasil nos próximos anos deverá passar obrigatoriamente pela resolução de problemas crônicos, como a migração rural, o aumento da produção agrícola e a melhoria do ensino público. A resolução desses problemas, ao contrário do que se alardeia, não exige investimentos vultosos.

No Espírito Santo já funciona um sistema de ensino no meio rural onde a metodologia garante a fixação dos jovens no campo e, paralelamente, prepara-os para a vida. É uma exceção à regra geral. Trata-se das Escolas Famílias Agrícolas.

Nesse tipo de escola, que já funciona há 23 anos (não é mais uma experiência), os alunos alternam o período escolar com o contato familiar. Os alunos do 1º Grau, por exemplo, estudam uma semana e voltam para casa na semana seguinte. No 2º Grau, o estudante permanece 15 dias na escola. Desta forma, ele não perde o contato com a sua família nem com a sua realidade cultural. Na escola ele aprende, além das matérias curriculares tradicionais, técnicas agrícolas e de economia doméstica, que transmite aos parentes, nos dias em que fica em casa. Na Escola Família os estudantes são motivados a discutir temas ligados às suas realidades e pro-

blemas comuns de interesse, como a degradação do meio ambiente, conscientizando-os, por exemplo, sobre os perigos dos agrotóxicos.

Cada uma dessas escolas situa-se, em geral, em uma propriedade rural de até 15 hectares, tem em média 120 alunos, seis monitores, cozinheiras e um servente. Além de unidade educativa, as escolas são produtivas: possuem as suas próprias hortas e áreas de culturas mais extensas.

O custeio dessas escolas é divididos entre o Estado (60 por cento das despesas); prefeituras (20 por cento) e os pais dos estudantes (20 por cento), que podem pagar as suas partes com alimentos. À medida que as escolas aumentam as suas produções, os seus custos diminuem.

Esse modelo de escola foi desenvolvido pelo padre italiano Humberto Pietrogrande, que implanta sistemas semelhantes no Nordeste do País, atualmente. Durante seminário realizado em Vitória, em fins do ano passado, o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (Mepes) recebeu a visita de delegações de 11 estados brasileiros e cinco países (Itália, Portugal, Argentina, Uruguai e Panamá).

Deixo aqui a sugestão ao ministro da Educação, José Goldemberg, para que conheça esse sistema de ensino em tempo integral, capaz de substituir com vantagens o atual modelo escolar em que apenas a distribuição de merenda motiva os alunos.

■ Roberto Valadão é deputado pelo PMDB do Espírito Santo